

"A ACADEMIA BRASILEIRA PRODUZ MAIS PESQUISA DE BAIXA DO QUE DE BOA QUALIDADE"

ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE, FÍSICO, PROFESSOR EMÉRITO DA UNICAMP E MEMBRO DO CONSELHO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

PRODUÇÃO CIENTÍFICA E LIXO ACADÊMICO NO BRASIL

PÁGINA 4

"MESMO RECONHECENDO QUE HÁ INTERESSES CONTEMPORÂNEOS EM REVELAR DETERMINADOS EVENTOS E ESCONDER OUTROS, EM GRANDE PARTE, A HISTÓRIA DAS CIDADES, DOS PAÍSES E DAS PESSOAS EM GERAL É BEM MAIS COTIDIANADO QUE GOSTARÍAMOS DE SUPOR."

RICARDO MACHADO, PROFESSOR DA UFFS E HISTORIADOR

O MAIS PROFUNDO ESTÁ NA SUPERFÍCIE

PÁGINA 5

"A LIBERDADE DE EXPRESSÃO É SEMPRE RELACIONAL. SOMENTE COMPARATIVAMENTE PODEMOS SABER SE TEMOS LIBERDADE PARA EXPRESSAR IDEIAS."

MARCOS ANTÔNIO MATTEDI, PROFESSOR DA FURB E DOUTOR EM CIÊNCIAS SOCIAIS

O PARADOXO DO DIFERENTE

PÁGINA 15

HÁ LIMITES PARA A LIBERDADE DE IMPRENSA?

EPISÓDIO "CHARLIE HEBDO" REABRE O DEBATE SOBRE OS LIMITES DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO. MASSACRE NO JORNAL SATÍRICO FRANCÊS TROUXE À TONA O DEBATE SOBRE O DIREITO DE OFENDER. ALGUNS ACREDITAM QUE O JORNAL COMETEU UM ERRO. E VOCÊ? SAIBA MAIS NAS PÁGINAS 10 E 11

FOTO: MAGALI MÜSER



MAIS DE 4 MIL MULHERES FORAM MORTAS POR AGRESSÃO EM 2014

MACHISMO MATA - ARTIGO DA ASSISTENTE SOCIAL, ESTUDANTE E MESTRANDA, GIANA CARLA LAIKOVSKI
PÁGINA 9

BOLÍVIA COMO REFERÊNCIA

O PAÍS DE EVO MORALES TESTEMUNHA MUDANÇAS PROFUNDAS QUE PODEM SER O INÍCIO DE UMA GRANDE REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA, SOB O ASPECTO DOS DIREITOS INDÍGENAS
PÁGINAS 12 E 13

FOTO: CHARLES ZIMMERMANN



AS AÇÕES DO MEC E O NOVO MINISTRO DA EDUCAÇÃO

NOVAS REGRAS DO FIES

Ao apagar das luzes a véspera do réveillon o MEC expediu duas portarias normativas alterando as regras para concessão do FIES. Depois dos cortes anunciados nos diversos ministérios dentro do ajuste fiscal já esperado a “porrada” já era esperada só não sabíamos de que forma. As alterações principais atingem diretamente o estudante que pretendia tomar financiamento pelo programa, condicionando o pré-requisito de ter obtido no mínimo 450 pontos na prova do ENEM, pontuação essa próxima a média nacional, mas que já é pré-requisito para o acesso a bolsa de outro programa, o ProUni para o qual se candidatam cerca de 1 milhão de estudantes mas menos de 200 mil conseguem a bolsa, mais

em função da pontuação e não zerar a prova de redação do que apresentar a renda per capita de um salário mínimo e meio. Levando-se em consideração os resultados do ano passado, essa nota de corte poderia retirar do universo do programa 1,5 milhão de estudantes. Cabe ressaltar que as regras valem apenas para novos candidatos ao financiamento. A segunda atinge diretamente as IES que recebem os repasses do FIES. Antes das novas medidas o orçamento que já era bem menor de R\$ 12 bilhões. Entre 2010 e 2014 o MEC liberou 23,7 bilhões o que beneficiou 1,8 milhões de estudantes o que decididamente aumentou a demanda pelo ensino superior pago que vinha apresentando declínio. A alteração que coloca as IES em maiores dificuldades é que os repasses serão feitos a cada quarenta e cinco dias ao invés de trinta, o que corresponde a oito parcelas no ano ficando quatro para o ano seguinte, não é bacana? O governo dá uma “pedalada” sobre as IES, o que já é prática recorrente para equilibrar as contas fiscais já fragilizadas. Se essa medida tiver continuidade por mais um ano já não serão quatro parcelas postergadas para o ano seguinte e sim oito. O descasamento das necessidades de

capital de giro das IES do setor vai aumentar. Em tese, terão de arcar com os custos do aluno durante quatro meses por ano já em 2015. Isso pode transformar o FIES pouco atrativo ou até mesmo inviável. Quem vai aguentar? Nessa nova regra só há um alívio o que inclui a FURB, e as IES privadas menores, pois os novos prazos de repasse só atingem as IES que possuem um número igual ou superior a 20.000 estudantes financiados dentro do mesmo grupo econômico, ou seja são as “grandes” do setor como a Kroton, Estácio, Ser e Anima, etc. O Simesp, Sindicato das Instituições Particulares de Ensino Superior, representando 500 instituições de ensino, que atendem 2,4 milhões de alunos criticou duramente as mudanças e avalia que o universo potencial do programa do FIES cai 70%. Alegam em primeiro lugar que uma portaria não tem poder para mudar a lei que criou o FIES. Além disso, afirmam que, nos últimos anos, as faculdades se dimensionaram para atender à demanda criada pelo governo por lei. E nesse sentido, dizem, o governo assumiu compromisso de ampliar o acesso ao ensino superior no país. A Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenep) decidiu entrar na Justiça contra as mudanças no que se refere ao segundo aspecto já que o primeiro é uma relação contratual entre o governo e o estudante, a decisão que envolve os mandados de segurança e os habeas data contra ato de ministro de Estado, cabe somente ao STF. Já a Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Educação Superior (Abraes) tenta o diálogo com o MEC, mas acreditamos que terá pouco resultado também. A mobilização de diversos parlamentares tanto da base aliada como da oposição completam o quadro do ministério que mais teve cortes no orçamento da “pátria educadora”.

BAIXO DESEMPENHO NO ENSINO MÉDIO, UM PROBLEMA A SER ENFRENTADO

Acreditamos que a presidente Dilma tem compromissos com a educação, mas não será fácil, o caminho parece estranho entre alas do PT e outros partidos e é dissonante ao que parece dar certo ou não. Resultado do ENEM: “Mais de 500 mil estudantes zeraram redação do Enem 2014”. Segundo o Inep, de 2013 para 2014 houve queda de 9,7% no desempenho dos concluintes do ensino médio - 1.485.320 candidatos. De acordo com o novo ministro da Educação, Cid Gomes, a queda merece a atenção da academia para que se entenda o porquê disso, pois, de acordo com ele, em um ano, não houve grandes variações de financiamento ou de corpo docente no ensino médio suficiente para explicar a queda de desempenho.

Eis um ponto que queremos destacar. Quem é o Ministro da Educação nomeada por Dilma Rousseff? E quais as tendências e as prioridades no setor de educação para esse próximo governo? Diante de tais resultados depois de triplicar os gastos do orçamento entre 2007 e 2014 para as regiões mais pobres do país, o Plano Nacional de Educação (PNE), que tinha como meta aumentar dos atuais 15% para 33% a parcela de jovens de 18 a 24 anos matriculados no ensino superior até 2024 não se consolidará com esses resultados. Pois uma população entre 4 a 17 anos - cerca de 3,7 milhões de crianças e jovens estão fora da escola, equivalente a população do Uruguai. Quem completa hoje o ensino médio é

um vencedor, pouco mais de 50% o concluem e 11% tem aprendizado mínimo em matemática. Nesse ritmo teremos apenas 70% dos alunos com aprendizado equivalente a sua série até 2050, isso é muito pouco.

Contrariados as lideranças do PT regional do Ceará, são contra a indicação de Cid Gomes para o MEC. Ex-prefeito de Sobral no Ceará e ex-governador desse Estado, Gomes passou por diversos partidos políticos até se filiar ao PROS. Entra no ministério com um perfil de “reformador na educação” decorrente de sua fama por sua ação na prefeitura de Sobral com o programa Alfabetização na Idade Certa, desenvolvida em sua cidade que foi a base para a criação do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa do Governo Federal, do qual a presidente Dilma tem profunda admiração. O município de Sobral alcançou em poucos anos no ensino básico nas escolas públicas de famílias com renda média pouco menor que R\$ 1.800, o que escolas particulares em São Paulo não conseguiram com renda média familiar de R\$ 8.000. No ensino médio, porém os resultados são ainda baixos mesmo estando bem à frente de outros municípios. No governo estadual, Cid Gomes teve conflitos com os sindicatos e professores em greves que marcaram a sua gestão. Uma análise mais profunda do caso de Sobral mostra que desde 1997 algumas instituições não governamentais tiveram uma atuação local como o Instituto Airton Sena e Instituto Alfa e Beto montando “escolas modelo”, que acabaram recebendo apoio de diversos governos eleitos dando continuidade há uma série de mudanças em cada gestão pública.

Eis a questão. Qual o caminho a seguir, diante de um aumento de gastos sem paralelo na história brasileira no setor da educação nesses últimos anos? Os problemas estruturais brasileiros com o ensino são seculares, Com a vinda da família real portuguesa em 1808, cerca de 80% da população brasileira na época era analfabeta e pouca coisa mudou no século XIX e em boa parte do século XX até chegarmos em 2013 na 53ª posição no exame do PISA dentre 65 países que participam dessa avaliação. Temos um passivo educacional ainda não vencido, estruturalmente desafiador perante nações que conseguiram suplantar as grandes adversidades da educação pública em diferentes cenários socioculturais, cada qual em seu tempo e dimensão.

Cid Gomes está indicado em um momento orçamentário difícil de conduzir uma reforma no ensino médio. Portanto ações serão mais importantes do que recursos financeiros. Seu perfil segue uma linha focando o aumento dos processos avaliativos, e é crítico em relação ao ensino superior de qualidade duvidosa - já deixou isso claro em suas declarações recentes. Ele afirmou que foi convidado “por qualidade que Dilma viu em mim”, e não por indicação do partido, o PROS. O ministro ensaia algumas medidas futuras que incluem além de mais testes de acompanhamento, valorização e avaliação do professor, meritocracia através de bônus salariais com base no desempenho, maior repasse do ICMS ao município que tiver melhor resultado na educação, etc. e tal. O problema é que alguns desses “incentivos” são cópias mal feitas de fórmulas aplicadas nos EUA, como escolas charter, ou na linha do “Milagre do Texas”, estando sujeitas a fraudes de um sistema educacional desigual, com ilhas de excelência e desempenho ruim similar a países de baixo resultado.

A busca de quais serão os próximos passos para construir soluções eficazes continua. Nessa procura alguns analisam como países programaram suas estratégias comparando sistemas educacionais entre si. Nessa linha, porém sem o caráter científico necessário, mas apenas pela percepção da lente dos realizadores - CNI, SENAI, SESI, e IEL patrocinaram a realização de sete episódios de um documentário com um total de 6,5 horas de duração e apresentado na TV Futura intitulado - “Destino: Educação”. Os países analisados tiveram como um dos critérios, o alto desempenho no PISA - China (separados entre Xangai e Hong-Kong), Coreia do Sul, Finlândia, Canadá, Brasil e Chile que entrou nessa seleção pelo melhor resultado na América Latina e por ter uma origem histórica similar ao Brasil no continente. As histórias e entrevistas apresentadas mostram formas bastante díspares em relação às estratégias, forma de organização do ensino e pressão por resultados. O caso da Finlândia apresenta um elevado grau de coesão social e é extremamente inclusivo em um país pequeno com poucos imigrantes, sem testes nacionais passando pelo modelo do Canadá com extratos sociais diversos com muitos imigrantes, mas também inclusivo. Ou sistemas altamente competitivos e meritocráticos, mas excludentes como os dos países asiáticos que exercem uma pressão excessiva sobre estudantes, pois a ascensão social e do padrão de vida material da família estão condicionados ao sucesso escolar. Alguns países conseguiram reformas com resultados muito rápidos - em algumas décadas - em outros foi um processo lento e cultural de muitas gerações. Cada país, no entanto relata defeitos no seu sistema educacional e efeitos colaterais decorrentes de sua estratégia.

Qual parece que é o elemento chave comum a todos esses sistemas com suas diferenças? Arriscamos uma primeira impressão de que em todos esses países na escala de valores da sociedade, a qualidade da educação é um valor que está muito fortemente arraigado no seio familiar. Seja por uma construção de muitas gerações ou massificada intensamente como estratégia nacional. A partir disso o resultado se reflete em todos os processos; na ação de política, na carreira do magistério e seu status, no compromisso com as gerações futuras, na eficácia da alfabetização, etc. O Brasil decididamente está longe de apresentar esse aspecto de forma mais homogênea, pois a visão de qualidade da educação é fragmentada e em uma escala de baixo valor em diversos extratos da sociedade brasileira. Parece-nos que a persistência de uma desigualdade de renda é reflexa ainda de uma desigualdade educacional por mais que tentemos maquiá-lo.

INTERNAS

SINSEPEs DISTRIBUI AGENDAS PARA FILIADOS

Como tradicionalmente faz no início de todos os anos, o SINSEPEs começou a distribuição das agendas para os filiados.

A entrega iniciou dia 23 de janeiro. Para retirar, basta ser filiado e ir até a sede do Sindicato. Os aposentados receberão pelo Correio. Este ano, o SINSEPEs produziu dois modelos de agenda (um em formato maior e outro tradicional). Cabe a cada filiado escolher o modelo que achar melhor. O SINSEPEs oferece o brinde todos os anos como forma de valorizar cada um dos seus filiados.



CAMPANHA SALARIAL

A assembleia da Campanha Salarial 2015 dos servidores ocorrerá nos dias 11 e 18 de fevereiro no auditório da biblioteca. Serão também escolhidos os membros (três da diretoria e três definidos em assembleia, entre os servidores) da Comissão de Negociação.

POSSE DA REITORIA

A solenidade de Posse Reitoria FURB - Gestão 2015-2019 será neste mês de fevereiro. Data: 02/02. Horário: 19h30min.

PRESÍDIO REGIONAL

Vieram à tona novamente os problemas do Presídio de Blumenau, com a fuga de 28 presos por um túnel na madrugada do dia 29 de janeiro—oito foram recapturados até o fechamento desta edição. A situação é considerada como sendo grave diante de três principais motivos: a superlotação, a falta de efetivo e a deficiência estrutural do lugar, considerada uma das piores do sistema prisional catarinense pelo próprio governo do Estado. O Expressão Universitária abriu espaço para refletir a situação em vários momentos como na edição de outubro de 2012, quando a mãe de dois presidiários e integrante do Fórum de Combate à Tortura, Margareth da Conceição, escreveu uma denúncia sobre a estrutura.

BANDIDOS ARMADOS ASSALTAM CAIXA ELETRÔNICO DO CAMPUS 3 DA FURB

Na noite de 18 de janeiro, domingo, uma ocorrência de assalto mobilizou equipes da Polícia Militar (PM) de Blumenau. Conforme informações divulgadas pela própria PM, bandidos armados invadiram o Campus 3 da Universidade Regional de Blumenau (Furb), localizado na Rua São Paulo, na Itoupava Seca, e arrombaram um caixa eletrônico que havia no local. O crime teria ocorrido por volta das 22h, quando três homens morenos entraram no local e renderam o vigia. O homem, que não foi identificado, foi amarrado e teve o celular roubado. Depois disso, os três criminosos chamaram mais um parceiro, foram até um caixa eletrônico do Banco do Brasil e, com o auxílio de um maçarico, arrombaram o equipamento. Todo o dinheiro que havia na máquina foi levado, porém, a quantia não foi informada.

Após o crime, os bandidos fugiram em um Siena preto, onde um quinto homem os aguardava. A Polícia fez buscas, confeccionou um Boletim de Ocorrência Policial, mas não conseguiu localizar nenhum suspeito. A Polícia Civil investiga o crime. Até o fechamento desta edição não haviam novidades.

CIDADANIA EM DEBATE PASSA POR MUDANÇAS

O Sinsepes prepara novidades para a retomada dos programas inéditos do Cidadania em Debate. Além da mudança do cenário, que prevê um layout moderno e colorido, o público verá mais dinamismo e pautas com apelo regional. Não perca! Em breve, mais informações a respeito. O programa vai ao ar às segundas-feiras às 20h30min, na FURB TV e na TUB às 22h30min. A reprise é domingo às 18h30min na FURB TV. O programa foi criado em abril de 1997 e inicialmente era transmitido pela TV Galega. Em outubro de 1998 passou a ser veiculado na Furb TV, com o apoio do Fórum dos Trabalhadores que persistiu até 1999, quando a reitoria assumiu as despesas e garantiu a gratuidade do programa ao Sinsepes. Em 2008, o programa saiu do ar por determinação da reitoria que pediu uma reformulação. O Cidadania em Debate retornou em setembro de 2010. Veiculado pela Furb TV, o Cidadania em Debate se consolidou como instrumento de comunicação sindical. Com 30 minutos de duração, o programa é apresentado pelo professor e dirigente do Sinsepes, Carlos da Silva, com produção da jornalista Magali Moser.



PARTICIPE DO EXPRESSÃO! Envie textos, opiniões, fotografias, charges... Entre em contato pelo email ou nos telefones abaixo!

DIRETORIA SINSEPEs | 2011/2014

Presidente: Ralf Marcos Ehmke (CCSA); **Vice-presidente:** Luiz Donizete Mafra (DAC), **Secretária geral:** Laurete Maria Ebel Coletti (CCS), **1ª Secretária:** Marian Natalie Meisen (Instituto FURB), **Tesoureiro:** Valcir de Amorim (DAF), **1º Tesoureiro:** Leandro Junkes (Biotério Central), **Diretor de Imprensa e Comunicação:** Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC), **Diretora de Assuntos Jurídicos:** Ivone Fernandes Morcilo Lixa (CCJ), **Diretora de Formação e Relação Sindical:** Nevoní Goretti Damo (CCS), **Diretor de Cultura:** Nazareno Schmoeller

CONSELHO FISCAL

Efetivos: Edegar Valério Mafra (NRTV), Selésio Rodrigues (DAC)

Suplentes: Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)

Projeto gráfico: Ana Lucia Dal Pizzol

Tiragem: 3.000 cópias. **Gráfica:** Graf Norte S/A (Apucarana, PR)

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.



Contato

Expressão Universitária é uma publicação do SINSEPEs (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

Endereço: Campus I da FURB - Rua Antônio da Veiga, 140 - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89012-900

Telefone: 47 3321-0400 | 47 3340-1477

E-mail: sinsepes@sinsepes.org.br

Página: www.sinsepes.org.br



PRODUÇÃO CIENTÍFICA E LIXO ACADÊMICO NO BRASIL

A resistência dos medíocres e a falta de coragem política das autoridades impedem o crescimento da ciência de alta qualidade no nosso país

POR ROGÉRIO CEZAR DE CERQUEIRA LEITE

**físico e professor emérito da Unicamp e membro do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia
cerqueiraleite@uol.com.br**

Dois artigos publicados recentemente pela revista britânica "Nature", especializada em ciência, deixam o Brasil e, em especial, a comunidade acadêmica brasileira, profundamente envergonhados.

A "Nature" nos acusa, em primeiro lugar, de produzir mais lixo do que conhecimento em ciência. Nas revistas mais severas quanto à qualidade de ciência, selecionadas como de excelência pelo periódico, cientistas brasileiros preenchem apenas 1% das publicações.

Quando se incluem revistas menos qualificadas, porém, ainda incluídas dentre as indexadas, o Brasil se responsabiliza por 2,5%. O que a "Nature" generosamente omite são as publicações em revistas não indexadas, que contêm número significativo de publicações brasileiras, um verdadeiro lixo acadêmico.

O segundo golpe humilhante para a ciência brasileira exposto pela revista se refere à eficiência no uso de recursos aplicados à pesquisa. Dentre 53 países analisados, o Brasil está em 50º lugar. Melhor apenas que Egito, Turquia e Malásia.

Tomemos um exemplo. O Brasil publicou 670 artigos em revistas de grande prestígio, enquanto no mesmo período o Chile publicou 717, nessas mesmas revistas. O dado profundamente inquietante é que enquanto o Brasil despendeu em ciência US\$ 30 bilhões, o Chile gastou apenas US\$ 2 bilhões.

Quer dizer, o Chile, que aliás não está entre os primeiros em eficiência no mundo científico, é 15 vezes mais eficiente que o Brasil. Alguma coisa está errada, profundamente errada. A academia brasileira, isto é, universidades e institutos de pesquisas produzem mais pesquisa de baixa do que de boa qualidade e as produz a custos muito elevados. Há certamente causas, talvez muitas, para essa inadequação.

A primeira decorre de um "distributivismo" demagógico. É evidente que seria desejável que novos centros de pesquisas se desenvolvessem em regiões ainda não desenvolvidas do país. Mas é um erro crasso esperar que uma atividade de pesquisa qualquer venha a desenvolver economicamente uma região sem cultura adequada para conviver com essa pesquisa.

Seria desejável que investimentos maciços fossem aplicados em pesquisas em instituições localizadas em regiões pouco desenvolvidas, mas cujo meio ambiente é capaz de absorver os benefícios dessa inserção.

O segundo mal que é causa inquestionável da diminuta e dispendiosa produção de conhecimento é o obsoleto regime de trabalho que regula a mão de obra do setor de pesquisas em universidades públicas e na maioria dos institutos.

O pesquisador faz um concurso --frequentemente falsificado-- no começo de sua carreira. Torna-se vitalício. Quase sempre não precisa trabalhar para ter aumento de salário e galgar postos em sua carreira. Ora, qual seria, então, a motivação para fazer pesquisas?

O terceiro problema é o sistema de gestão de universidades públicas e instituições de pesquisa, cuja burocracia soterra qualquer iniciativa dos poucos bem-intencionados professores e pesquisadores que ainda não esmoreceram.

Pois bem. Há uma fórmula que evita todos esses males e que já foi experimentada com sucesso em algumas das instituições científicas do Brasil: a organização social. A resistência dos medíocres e parasitas e a falta de coragem política de algumas de nossas autoridades impedem a solução desse problema.

“

Seria desejável que investimentos maciços fossem aplicados em pesquisas em instituições localizadas em regiões pouco desenvolvidas, mas cujo meio ambiente é capaz de absorver os benefícios dessa inserção



O MAIS PROFUNDO ESTÁ NA SUPERFÍCIE

FOTO JAIME BATISTA

Descoberta gerou curiosidade e reacende antigas lendas do município. Grupo de pesquisa foi formado para desvendar o mistério.

POR RICARDO MACHADO

Historiador e professor da Universidade Federal da Fronteira Sul - ricardomachado1982@gmail.com

Quando as fotos dos “túneis” de Blumenau foram reveladas em tom de grande acontecimento científico, achei um pouco irônico, mas tinha certeza que não passava de um sensacionalismo momentâneo. Mas diante do pronunciamento do prefeito municipal informando de que iriam iniciar o trabalho de escavação no local com objetivo de resgatar a história, comecei a me preocupar. A coisa ficou séria quando o historiador Viegas Fernandes da Costa (Santa, 11/01/2015), uma das pessoas mais sensatas que conheço e que há muito tempo combate heroicamente propostas megalomaniacas, cedeu aos encantos de uma das mais clássicas lendas urbanas que se tem notícia. Afinal, mesmo reconhecendo que nada mais são do que tubulações subterrâneas de água, Viegas acaba por recomendar a exploração dos “túneis” com fins científicos turísticos.

Não é de hoje que o interesse de muitas pessoas pela História é expresso baseado em teorias conspiratórias ou em especulações que tornam o passado algo no mínimo curioso ao exaltar a grandiosidade de seus acontecimentos políticos, o caráter inexorável de nossos antepassados e a bravura de suas guerras. No fundo, esta visão de História empobrece a nossa própria experiência presente, quando todos os eventos importantes já fazem parte do passado e nossa vida segue, como no poema de Ferreira Gullar, “nos quintais entre plantas e galinhas, nas ruas e nos subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas.”

Mesmo reconhecendo que há interesses contemporâneos em revelar determinados eventos e esconder outros, em grande parte, sinto informar, mas a História das cidades, dos países e das pessoas em geral é bem mais comezinha, cotidiana, repetitiva do que gostaríamos de supor. Por isso, em História, geralmente o mais profundo está na superfície. Se nos importa saber mais sobre o nazismo e integralismo, amores proibidos ou sobre as instituições religiosas da cidade, as escavações nos “túneis” serão uma grande perda de tempo. Se nos interessa conhecer mais da história da urbanização e a consequente canalização dos ribeirões de Blumenau, certamente temos meios mais eficientes que trarão resultados mais promissores.

Justamente regiões onde há pouca pesquisa histórica, são solos férteis para lendas urbanas como esta. Precisamos aprender que escavar túneis em busca de lendas urbanas, ou erguer mais monumentos, ou construir mais casas citando

enxaimel, ou fundar mais um grupo de dança folclórica, não vai nos fazer conhecer melhor a história de Blumenau. Se a história de Blumenau realmente nos interessa, deveríamos iniciar pela superfície. Neste caso, a superfície começa por três itens mínimos: acervo, pesquisa e difusão. Que tal investir com seriedade no Arquivo José Ferreira da Silva? Há décadas que o Arquivo reivindica condições elementares de pessoal e espaço físico, tendo isto, poderíamos estimular a doação de fundos privados para serem abertos ao público e pesquisadores. Se for para escavar, por que não estimular pesquisas arqueológicas para conhecermos as diferentes sociedades que ocuparam este território, mesmo antes de 1850? Por que não criar incentivos como bolsas ou prêmios para pesquisadores que desenvolvam pesquisas inovadoras sobre a cidade? Por que não recuperar a editora Cultura em Movimento criando uma linha de publicação de história local? Por que não investir na manutenção do curso de História da Furb, criando inclusive programas de pós-graduação Stricto-Sensu que inovariam profundamente as temáticas e abordagens das pesquisas, inclusive ampliando o acesso a novas fontes da História regional?

Mas se realmente o que nos interessa é a manutenção da lenda urbana dos túneis de Blumenau, o melhor serviço que podemos fazer é deixar tudo como está. A escavação viria para estragar o que havia de mais interessante naquele buraco: a lenda.

“

Se realmente o que nos interessa é a manutenção da lenda urbana dos túneis de Blumenau, o melhor serviço que podemos fazer é deixar tudo como está. A escavação viria para estragar o que havia de mais interessante naquele buraco: a lenda

MINHA DECLARAÇÃO DE AMOR POR TI

Aniversário de 461 anos de São Paulo suscita memórias da cidade considerada a maior do país e da América Latina



FOTO: MAGALI MOSER

Por Magali Moser, jornalista - magali.moser@gmail.com

Não lembro se foi amor à primeira vista. Já faz mais de dez anos do nosso primeiro encontro. Mas é certo que desejei rever-te em cada despedida. És tão gigante e vibrante. Todas as cores, aromas e sabores cabem em ti. Não há como não se render. Guardas opções e belezas em cada contorno, além da estranha capacidade de transformar quem convive contigo.

Tantos estilos habitam em tuas artérias! Mesmo com tua cor acinzentada incrustada em arranha céus e congestionamentos a perder de vista, conquistas quem vai a trabalho ou a passeio. Abrigas todos os gostos, bolsos e paladares com tua singularidade.

Hoje, quando apagas 461 velas, declaro todo o meu amor por ti, São Paulo! Tu sempre estiveste em festa para mim. Talvez porque todas as vezes em que te visitei foi em momentos de descontração e relaxamento. Mas nem o desgaste e o perigo da maratona de mais de dez horas num ônibus me tiraram o ânimo e a empolgação de enfrentar o desafio em busca da imersão na Pauliceia, durante a Bienal do Livro ou a Virada Cultural. É a segunda vez que troco as férias nas praias catarinenses pelo teu calor sufocante de 40 graus e não me arrependo um segundo – considerado inclusive o período de crise no abastecimento de água e os percalços alérgicos enfrentados aí.

A efervescência cultural proporcionada por ti, terra da garoa, talvez seja um dos teus maiores méritos. Templo para todos os credos. Reduto de tantas nacionalidades. És capaz de acolher todas as tribos. De empresá-

rios executivos a casais apaixonados. A diversidade de sotaques nas ruas... As infinitas possibilidades e o multiculturalismo tão imenso e apaixonante! São Paulo do coração do país, do Mosteiro São Bento, do agito da Rua Augusta, do caos da 25 de março, da esquina da Ipiranga com a São João, da boemia dos bares da Vila Madalena, da eterna Galeria do Rock, dos museus, exposições e da Pinacoteca, do grafite e da arte de rua, dos pasteis de feira e achados de antiguidades da Benedito Calixto, da riqueza do sebo do Messias, dos cheiros, temperos (e da incrível goiabada da banca do seu Levi) no Mercado Municipal!

Gosto de me perder e me achar pelas tuas ruas, descobrir a beleza dos teus pequenos encantos. Sorrir para as pessoas na rua. En-

gatar conversa com aquele desconhecido na fila à tua frente e que se transforma em amigo íntimo. Uma discreta entrada na Paulista pode conduzir à imensidão da diversidade das Livrarias Fnac ou Cultura. Uma caminhada despropositada termina com uma agradável sessão num daqueles nostálgicos cinemas de rua, como o Caixa Belas Artes, na Consolação. Passar horas seguidas desbravando raridades da coleção de Artes na Biblioteca Mário de Andrade. Ir ao êxtase só em ler a programação do Guia de Teatro, distribuído nos espaços culturais. Surpreender-se com sepulturas de personagens históricos como Tarsila do Amaral, Mário de Andrade e Monteiro Lobato, no Cemitério da Consolação. Contemplar as obras expostas sob sol e chuva num verdadeiro museu a céu aberto entre uma e outra lápide. Sair de casa sem guarda-chuva e enfrentar aquele temporal de fim de tarde.

Tua vitalidade é contagiante! Da selva de pedras do maior centro financeiro do país, de repente se está dentro de uma área verde. Cansou do Parque Trianon? Anda-se mais um pouco e desfruta-se das sombras e aconchego do Ibirapuera. Como diz Caetano, és o avesso do avesso. Num ritmo que não pára, produzes sensações diversas. E únicas. Paraíso dos brechós e sebos, em cada canto, a possibilidade de descobrir uma São Paulo singular. Fácil apontar os problemas e se sentir num formigueiro humano na metrópole de quase 12 milhões de habitantes – boa parte deles migrantes e imigrantes de todos os cantos do mundo. As tuas crises – de mobilidade, planejamento e segurança – são do tamanho dos teus encantos.

A vida passa na velocidade dos trens do metrô. São Paulo de contrastes e extremos. Do antigo e do moderno. Da abundância e da escassez. Do progresso e da decadência. Das incompreensões e entendimentos. Reúnes mil faces. A vida pulsa em ti. Em cada nova manifestação que pára a Paulista. Cidade síntese do Brasil, de muitos heróis e anônimos. Num dos metros quadrados mais disputados do país, cartão postal dos turistas, homens e mulheres disputam o abrigo nas marquises para dormir sobre o papelão. Um deles concentra-se na leitura de um livro, o que faz aumentar minhas inquietações sobre a falta de oportunidades e as injustiças do mundo. No vai e vem da avenida, o menino negro e franzino anda apressado em busca de um novo sapato para engraxar.

A mistura do mundo passa por tuas esquinas, São Paulo. Cosmopolita, dinâmica, charmosa. Violenta, barulhenta, eclética. Caótica. Não faltam adjetivos para tentar definir-te. A verdade é que ninguém fica indiferente diante de ti. Criaste tua própria identidade, com a soma de tudo isso que faz de ti tão peculiar. Afinal, que outro lugar do mundo guarda tantas peculiaridades dentro de uma única cidade?

“

Não lembro se foi amor à primeira vista. Já faz mais de dez anos do nosso primeiro encontro. Mas é certo que desejei rever-te em cada despedida. És tão gigante e vibrante. Não há como não se render.

A TERRA A QUEM LHE PERTENCE

Comunidade Guarani do Morro dos Cavalos, em Palhoça, é alvo de polêmica depois que jornal estadual atribuiu a ela culpa do “atraso” da região.

POR MARCELA CORNELLI

Jornalista do SINDPREVS - marcelacornelli@gmail.com

Em Santa Catarina, a presença e a cultura indígena são consideradas um “atraso” para a economia do Estado. Assim mostrou a reportagem Terra Contestada do jornal Diário Catarinense, publicada entre os dias 7 e 11 de agosto de 2014. A reportagem, totalmente parcial, refere-se à comunidade Guarani de Morro dos Cavalos, em Palhoça, na Grande Florianópolis. O jornal ouviu a Federação das Indústrias de Santa Catarina, ouviu um único indígena afastado da comunidade por motivos diversos entre eles a venda de terra em troca de uma cesta básica (1), ouviu um antropólogo, contratado pela Fundação do Meio Ambiente (Fatma) que não mais compõe a Associação Brasileira de Antropologia desde 11 de janeiro de 2013, quando foi expulso devido a sua postura não compatível com a ética profissional por essa Associação(2), no entanto, não ouviu a principal voz, a dos indígenas que moram na região e sofrem as consequências do desenvolvimento capitalista local. A reportagem chegou a ser indicada ao Prêmio Esso de Jornalismo, mas, felizmente, não venceu.

“Em Santa Catarina, a presença Guarani foi registrada pelos primeiros viajantes que aqui aportaram como Gonville (1504) e Aleixo Garcia (1515), Esses viajantes sobreviveram graças à generosidade dos Guarani, conhecidos aqui como Carijó, que os hospedavam, forneciam alimentos, guias e mão de obra para suas expedições terrestres”. (...) “A presença Guarani no Morro dos Cavalos vem de longa data. Alguns Guarani mais velhos recordam que quando Getúlio Vargas era governo residiram em aldeias na região do Morro dos Cavalos. Um momento de muita tensão ocorreu na década de 1960, durante a construção da rodovia BR 101, que cortou suas áreas de uso”, relata o estudo Demarcação da Terra Indígena Morro dos Cavalos – Cronologia dos acontecimentos relevantes, de março de 2014. (3)

Hoje a aldeia do Morro dos Cavalos é atingida com a construção de uma quarta faixa na BR 101, que seria uma alternativa ao projeto da criação de dois túneis no local. “Do ponto de vista ambiental os dois túneis é a alternativa que menos impacta porque diminui o risco de acidentes e o consumo excessivo de combustíveis em região de mata. Para a nossa comunidade, os túneis significam mais sossego, menos barulho e poluição. Estamos pedindo apenas que a presidenta Dilma homologue a terra indígena antes da construção dos túneis, que terão que passar sob nossas casas. Caso contrário corremos o risco de sofrer acidentes por conta da obra. Com a homologação, poderemos ocupar outros espaços dentro dos 1.988 hectares

e deixar o DNIT trabalhar com tranquilidade na obra.”, defende a cacica Eunice Antunes, em documento divulgado no blog Campanha-Guarani.org.

“A quarta faixa vai passar a vinte metros da escola da comunidade”, diz a cacica. Eunice em Guarani é Kerexu Yxapyry, que significa a força do fogo em uma gota do orvalho, ou nas palavras da cacica: “mãe do orvalho ... o momento em que você observa o orvalho e que, mesmo de muito longe, você vê ele, mais ou menos isso significa meu nome”. Mulher guerreira, decidida e doce ao mesmo tempo, preocupa-se com o futuro da aldeia Guarani e das 33 famílias que vivem ali. Eunice também lembra das lutas dos indígenas por todo o país que são ameaçados, mortos e criminalizados por fazendeiros, pelo agronegócio e governos. “Preocupa o resultado destas eleições com os deputados eleitos sendo contra a luta indígena”.

O Centro de Trabalho Indigenista (CTI) também emitiu uma nota contestando a reportagem do Diário Catarinense: “o Diário Catarinense embasa o descrédito aos estudos de identificação e delimitação da Terra Indígena Morro dos Cavalos em um suposto laudo produzido por Edward Luz, que estaria protocolado no processo que tramita no Supremo Tribunal Federal (STF). Da mesma maneira, o Diário Catarinense concede amplo espaço a Edward Luz para que ele destile uma série de acusações levianas contra o CTI, contra a antropóloga Maria Inês Ladeira (antropóloga que fez o laudo para a demarcação da TI), contra a Funai, e contra quaisquer órgãos ou pessoas que trabalhem pela garantia dos direitos constitucionais dos povos indígenas. Cumpre apontar que não consta dos autos da Ação Cível Originária que tramita no STF qualquer laudo, relatório, nota técnica, ou manifestação do dito antropólogo, e, portanto, não podemos tomar conhecimento dos seus argumentos ou sequer confirmar se o referido laudo de fato existe”, diz a nota do CTI.

O laudo de Edward Luz embasa uma ação que questiona a demarcação da Terra Indígena Morro dos Cavalos e tramita no STF. “Se houver justiça vamos ganhar esta ação”, diz Eunice. Em 2008, a terra foi reconhecida como TI, em 2010 foi demarcada e agora aguarda a homologação pela Presidente da República.

“No estado de Santa Catarina o percentual de terra indígena é 0,4% do território. Uma população indígena que não tem área para viver, as áreas são muito pequenas, as áreas Guarani são de 100, 150 hectares, É plenamente justificável a demarcação dos quase 2 mil hectares. (...) Não estão demarcando somente para o momento, mas para o futuro”, defende o Coor-

denador Regional da Funai, João Maurício. “O que essa reportagem busca fazer quando ela diz índios do Paraguai. Ela está tentando desqualificar este povo e seu direito de ter uma terra sua reconhecida no Sul do Brasil. (...) Parece que além de tentar destituir o Morro dos Cavalos como uma terra indígena ainda carregam de uma maldade contra esse povo. É um jornal que parece não querer ver índio vivo”.(4)

OS ATAQUES NÃO SÃO ISOLADOS

A PEC 215/2000 e seu substituto, que tramitam no Congresso, caso aprovados (até o fechamento desta edição não tinham sido votados), inviabilizarão a demarcação de terras indígenas no Brasil. A PEC 215 transfere a competência da União na demarcação das terras indígenas para o Congresso. A proposta possibilita a revisão das terras já demarcadas. O substitutivo mantém a demarcação das terras indígenas pelo legislativo, porém por meio de projeto de lei de iniciativa privativa do presidente da República, e não por decreto, como é feito atualmente, com base na Constituição.

Também tramita o PLC que regulamenta o artigo 231 da Constituição Federal, assinado pelo senador Romero Jucá (PMDB-RR), ex-líder do governo no Senado. De acordo com a Apib (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), este PLC teria sido elaborado pelo advogado-geral da União (AGU), Luís Inácio Adams. Segundo o Conselho Indígena Missionário (CIMI), a proposta classifica propriedades rurais como “área de relevante interesse público da União”. Como consequência, o projeto estabelece que essas áreas poderão ser excluídas da delimitação das terras indígenas se seus títulos de ocupação forem “considerados válidos” ou poderão ser objeto de desapropriação ou de compensação com outra área ofertada pela União. Dessa forma, o projeto transforma interesses privados em “de relevante interesse público da União”. Já no STF volta à pauta a discussão da ADI 3239, interposta com a finalidade de que se declare a inconstitucionalidade do Decreto Federal 4887/03, que demarca as terras quilombolas.

Indígenas mobilizaram-se nos dias 2 e 3 de dezembro no Congresso Nacional. Eles cobraram a retomada das demarcações das terras indígenas pelo governo – o que menos tem demarcado terras desde a ditadura militar, manifestando também repúdio à indicação da senadora ruralista Kátia Abreu (PMDB/TO) para o Ministério da Agricultura.

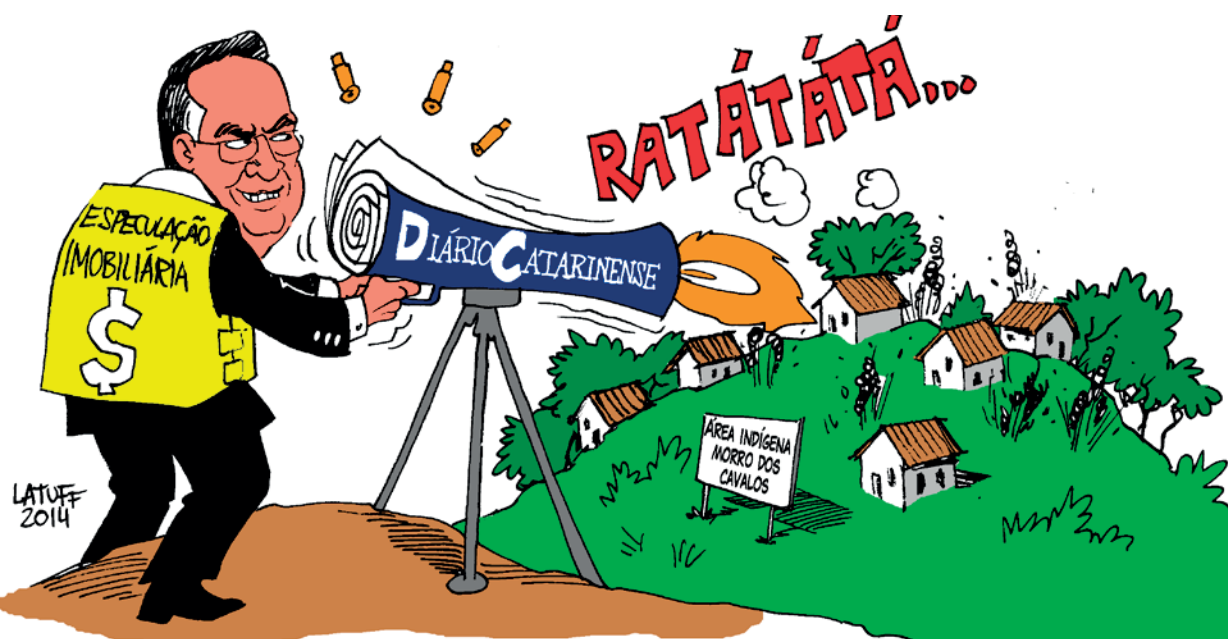
“Como somos sempre minoria, ficamos para trás. A luta pela nossa sobrevivência dependerá da união de todos, quilombolas, Amáridos (citando a luta da Comuna Amárido em Florianópolis) e indígenas. Já recebi muitas ameaças, contra meus filhos, mas nunca desisti da luta”, finaliza Eunice.

*Fonte: Tradução de Pedro Cesarino. Povos Indígenas no Brasil: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/modos-de-vida/as-poeticas-indigenas>

Nota 1, 2 – Fonte: Moção da Associação Brasileira de Antropologia Comissão de Assuntos Indígenas

Nota 3 – Fonte: file:///C:/Users/usuario/Downloads/Cronologia_TI_Morro_dos_Cavalos-Marco_2013.pdf

Nota 4 – Documentário Morro dos Cavalos – Terra Indígena, de Madalena Giostri.



CHEIRO DE POVO

POR MARCELO LABES, escritor e estudante do Curso de Ciências Sociais da FURB - labesmar@hotmail.com

“Prefiro cheiro de cavalo do
que cheiro de povo”

João Baptista Figueiredo

Desculpa, moço
se o cheiro que
emana de mim
lhe desagrada
o seu tão fino
nariz:

é que eu tava
trabalhando

é que eu tava
descansando

é que eu tava
ali do lado
fazendo nada
de errado
e a polícia
chegou em mim.

Daí que é assim:

a gente sua,
a gente se esforça,
a gente às vezes
é o cavalo
e às vezes
é a carroça.

Então que não
dá pra disfarçar

isso que pode
ser fedor
só com perfume
barato.

A gente fede,
moço,
eu sei.

Mas não é cheiro
de rato, não:

a gente emana
muito de sonho
perdido,
muito de sonho
estragado,
muito de noite
acordada,
muito de dia
nublado.

E esse cheiro
que te faz
torcer o rosto,
moço,
não é por eu ser
preto,
não é por eu ser
branco, se
às vezes sou
angolano
e às vezes
japonês
- mas o meu cheiro,
moço,
não tem a ver com

etnia,
não se explica
na geografia
ou não sei:

talvez se a gente
levar em conta
essa nossa necessidade
de sempre pagar mais
caro
qual seja for o valor
da compra.

Não dá pra ter cheiro
de flor se a gente
vive sendo espinho;

não dá muito pra
respirar
quando se
vive apertado
e sozinho.

Daí que o seu
problema com
o meu cheiro
é talvez um problema
unicamente seu:

porque isso que exalo
é cheiro de gente,
de povo.

Me desculpa se até
aqui não disse
nada de novo,
mas preciso ir

pra labuta
novamente.
Só um recado
que talvez lhe
sirva:

a gente fede desse jeito
é porque a gente luta:

todo dia de manhã
até quase a noitinha,
virando a madrugada
quase até de manhãzinha.

E se ouvir dizer de nós,
que andamos perfumados,
é que a luta de que se fala
acabou virando de lado:

foi pro lado dos livros,
da teoria importada,
dos diálogos compridos,
da verdade imaginada.

Por isso, moço,
lhe digo
que esse cheiro
de povo
(alguns dizem de mendigo),
é original e é nosso,
tão américo-latino
que não espanto se o moço
não quiser sentar comigo
pra escutar meu endosso,
pra aguentar esse osso,
esse meu cheiro de poço,
esse meu cheiro divino.

ARTE DE BRUNO BACHMANN





FOTO: MAGALI MOSER

MACHISMO MATA

POR GIANA CARLA LAIKOVSKI, Assistente Social, estudante de Ciências Sociais da FURB, mestranda em Sociologia Política da UFSC e militante do Coletivo Feminista Casa da Mãe Joana - gianacl@yahoo.com.br

Discutir questões relacionadas ao preconceito e violência de gênero acabam sempre por gerar polêmicas. Isso porque os entendimentos e as opiniões são diversos, principalmente no que se refere aos papéis de gênero e às relações de poder que se estabelecem entre homens e mulheres. Por mais que os estudos relacionados e as mais diversas provas de que a dominação de gênero continua presente - seja através da mídia, das redes sociais, das estatísticas de violência, entre outras -, ainda existem pessoas que acreditam e vendem o discurso de que a mulher enfim alcançou sua autonomia no século XX, que as leis devem ser iguais para homens e mulheres e que o feminismo nada mais é do que um movimento de mulheres que almejam a superioridade da mulher sobre o homem. Ao que parece, a problemática feminina, que há algumas décadas não apresentava ameaça, foi deixando de ser inofensiva para tornar-se um assunto subversivo. Subversivo porque questiona a ordem estabelecida no intento de transformá-la. Subversivo porque não aceita mitos, nem hipocrisia e nem a desumanização de homens e mulheres.

Em linhas gerais, diversos estudiosos do tema definem o gênero a partir da construção sócio-cultural do masculino e do feminino, discutindo o conceito a partir das relações sociais. Sem desconsiderar a esfera biológica, concordamos com Minella (2006) que interpreta o gênero “como algo que transcende e ao mesmo tempo inclui os papéis sexuais”. Nesta breve reflexão, daremos ênfase à esfera relacional do conceito, visto que, conforme Lavinias (1997, p.16), entendemos que o “caráter relacional diz respeito à relação de dominação e opressão que transformam as diferenças biológicas entre os sexos em desigualdade sociais ou exclusão”.

Calcula-se que as relações de dominação entre homens e mulheres datam de seis milênios (SAFFIOTTI, 1987). Esta dominação pode ser vista atualmente, em múltiplos planos da vida cotidiana. Na sociedade ocidental capitalista, o patriarcado e suas concepções são inculcadas nos sujeitos através de práticas sociais que reforçam a ideologia dominante, no caso a masculina. Esta ideologia se encontra tão arraigada nas construções culturais que adquirem uma atmosfera de naturalidade. Assim, é extremamente importante reconhecer que a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais é o caminho mais rápido para legitimar a superioridade do homem sobre a mulher, assim como do branco sobre o negro, do rico sobre o pobre etc.

Afirmar que as conquistas das mulheres no último século aboliram a naturalização da mulher enquanto ser inferior é um grande equívoco. Seja nas relações conjugais, familiares, no trabalho, nas instituições, na academia ou em qualquer relação interpessoal, é comum às mulheres experienciar situações de preconceito e violência sem que estas sejam questionadas. Instituições como a igreja, a escola e o Estado, dentre outras, apesar de incorporarem discursos de emancipação da mulher, acabam por reproduzir ações de controle ao corpo, à sexualidade, ao comportamento e ao poder de decisão da mulher.

Dentre as diversas formas de expressão do machismo, pretendemos refletir sobre a mais evidente na sociedade patriarcal: a violência contra a mulher. Seja no âmbito público ou privado, a mulher continua vítima de constantes atos de misoginia.

Os números de violência contra a mulher traduzem explicitamente esta re-

alidade de dominação-exploração. Segundo dados do 8º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado em novembro de 2014, o Brasil registrou 4.580 casos de mulheres que foram mortas por agressão. A Central de Atendimento à Mulher atingiu 532.711 registros em 2013, sendo 8.254 atendimentos só em Santa Catarina. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública do Estado, foram instaurados 11.687 inquéritos de violência doméstica em Santa Catarina em 2013. Violência que se expressa majoritariamente através de agressões físicas e verbais, principalmente no âmbito familiar.

Com certeza, estes números não se aproximam nem um pouco da realidade de violência a qual as mulheres são submetidas. Há ainda um número significativo de mulheres que não realizam a denúncia por inúmeras razões. E, antes que se pense, nenhuma dessas razões está relacionada ao fato de gostar de apanhar. Porque nenhum ser, por sua natureza, gosta de sentir dor. Se as mulheres se submetem a esta situação, é porque foram educadas a acreditar que suas atitudes sempre justificam as ações do agressor. Ora, se a interiorização de valores sexistas por homens os faz se sentir superiores e detentores do poder, essa mesma interiorização faz com que as mulheres se sintam inferiores e aceitem a subalternidade como algo natural e imutável. A supremacia masculina só existe a partir da construção social da subordinação feminina.

Assim, bradar por leis que tratem homens e mulheres de forma igual não aproxima a realidade da tão almejada justiça social. Considerando que as leis versam sobre a esfera relacional, como tratar de forma igual seres socialmente desiguais? Se a Lei Maria da Penha precisou ser aprovada, foi porque muitas mulheres sofreram e morreram nas mãos de homens. E continuam morrendo, como mostram as estatísticas.

A luta feminista não reivindica a igualdade entre homens e mulheres no sentido da opressão. Ou seja: a mulher oprimida não deseja se tornar opressora. O feminismo luta pela emancipação da mulher numa sociedade que lhe inculcou uma posição de inferioridade pelo simples fato de nascer mulher. A igualdade que se almeja está relacionada à eliminação de estereótipos e preconceitos através da resignificação dos papéis do homem e da mulher. E esta luta não pode estar dissociada do combate a todas as formas de opressão. Só teremos uma sociedade igualitária e equânime quando abolirmos a divisão social de classe, a opressão por gênero e o preconceito pela cor, ou seja, eliminando a opressão dos humanos pelos humanos.

REFERÊNCIAS

LAVINAS, L. Gênero, cidadania e adolescência. In: MADEIRA, F.R. (org.) Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Ventos. 1997.

MINELLA, L. S. Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre infância no Brasil. Caderno Pagu, Campinas. N. 26. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332006000100013>. Acesso em 21 jan. 2014.

SAFFIOTTI, H. I. B. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.

FOTO: VALENTINA CALÀ



NÃO ME IDENTIFICO COM CHARLIE

JE NE SUIS PAS CHARLIE

“A chacina recentemente acontecida em Paris contra o Charlie Hebdo, tem me dado uma coceira na língua e uma vontade inquieta de usar a minha liberdade de expressão para dizer o que penso sobre o ocorrido que é, a meu ver, sintomático”.

Por Rosinha Martins, jornalista, missionária scalabriniana e assessora executiva da Conferência dos Religiosos do Brasil - rosinhamarketing@hotmail.com

Primeiro, gostaria de recordar como fui educada: dentro de uma cultura católica tradicional mineira, pais católicos, dez irmãos. Fato é que aprendemos a andar e a falar com papai e mamãe ao nosso lado sempre nos instruindo sobre o que é preciso para ser feliz: A fé, valores humanos como o respeito pelo outro, limites, honestidade, a verdade, gestos de delicadeza e educação como “a sua bênção” “bom dia”, “por favor”, “obrigada”, “desculpe-me”... Não quero dizer que esse jeito mineiro de educar é o melhor, mas verdade é que meus irmãos e eu somos muito felizes devido, com certeza, à educação que tivemos.

O que quero dizer com isto? Que é na família, base fundamental da sociedade para o nosso bem-viver, que se aprende a ser hu-

mano. Não nascemos humanos, nos tornamos humanos e, valores e limites vem de berço.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO PARA QUE E PARA QUEM?

Confesso que não contive as lágrimas diante da notícia de que colegas de profissão foram mortos, sendo chamados pelo nome, sem o direito de defesa. Duro de aceitar, não muito difícil de entender o que levou a um assassinato tão cruel. E a imprensa em geral se perguntou sobre a liberdade de expressão.

Pensei com meus botões: Interessante, todos os jornais do mundo inteiro, expressaram um único ponto de vista em relação ao massacre do Charlie. Nenhum jornalista, nenhum meio de comunicação teve a ousa-

dia de usar sua liberdade de expressão para ajudar a sociedade a pensar nos 6,2 milhões de muçulmanos que na sua maioria vivem à margem da sociedade na França, mantida como segunda classe, numa situação que tende a piorar cada vez mais; não foi usada a liberdade de expressão para exaltar o respeito ao outro, à religião do outro, a ética e aos valores.

De acordo com Plínio Zúnica “um relatório do Observatório Europeu do racismo e xenofobia aponta que, na França, a chance de alguém de origem árabe/muçulmana conseguir um emprego é cinco vezes menor do que um caucasiano com as mesmas qualificações. Além disso, eles possuem menos acesso à educação formal, vivem nas áreas mais sucateadas das cidades e estão sujeitos a todo tipo de discriminação e violência física. O relatório aponta o sentimento de

desespero e exclusão social do jovem muçulmano, que vê sua possibilidade de progressão social dificultada por racismo e pela xenofobia.” Sofrimento à parte, seria um momento excelente para chamar a sociedade à tolerância, ao respeito às diferenças. Que maravilhoso seria se Charlie fizesse charges apontando os pontos positivos do Islã, do Cristianismo, do judaísmo e de todas as religiões que sempre foram seu alvo, aspectos que levam à igualdade, à liberdade, à fraternidade, à justiça e à convivência fraterna!

O PENSAMENTO DA IGREJA

Eu esperava ansiosamente um pronunciamento de Francisco e respirei aliviada quando li o que disse aos jornalistas numa conversa informal em uma viagem aérea na Ásia: “É aberração matar, mas não se pode insultar a religião dos outros (...)”. Por assim se manifestar, o Papa já foi criticado em uma matéria da Folha de São Paulo, intitulada “Francisco porque não te calas?”.

Vale aqui, ter a capacidade de captar o que Francisco quer dizer: Acima de tudo na face desta terra, o amor ao próximo, o respeito pelo outro, tão esquecidos em nossa sociedade atual.

Em nome da liberdade de imprensa se pode passar por cima do outro e eliminá-lo e colocá-lo à margem com uma caneta, porque é diferente, porque pensa diferente. Ou por outro lado, também, por se sentir ofendido se elimina o outro, faz com que se cale para sempre à base das armas. Tudo errado. O ser humano é uma criatura muito especial, feita por Deus com muito amor, e essa delicadeza exige respeito e amor mútuo, caso contrário a convivência no planeta, fica insuportável. As diferenças precisam ser vistas como riqueza, como beleza que faz deste mundo um espaço dinâmico, colorido e agradável de se viver, graças à grandeza e sabedoria do Criador. A mensagem de Francisco é de suma importância neste momento. A meu ver, ele deu um simples e fundamental recado aos jornalistas para o exercício de suas profissões: “Sejam éticos”.

JE NE SUIS PAS CHARLIE. EU NÃO SOU CHARLIE

Eu não sou a favor do terrorismo, sou a favor do direito de viver de qualquer criatura elaborada pelo Criador de maneira tão carinhosa e delicada. Defendo a vida até das baratas, embora me causem horror, imagine de um ser humano.

Je ne suis pas Charlie. “Não sou Charlie”. Não posso negar a minha crença, nem os valores ensinados com tanto esforço pelos meus pais, pela minha fé católica. Para mim, as charges de Charlie, todas elas relativas à religião e ao diferente, manifestam a incapacidade de criatividade, pois sempre o tom

de ofensa, de brincadeira sem graça. Veja essa charge (ao lado), a mim, como católica fervorosa, causa náusea. Me sinto ofendida. Eu fico sem palavras diante deste desenho. Confesso, fico muda. A quem tem feito rir a sátira do Charlie? Ela anda na esteira de qualquer piada racista. Aliás, toda piada tem fundo preconceituoso e incita a intolerância ainda que sutilmente.

Como gostaria, parafraseando o historiador Antonio Piber, que Charlie evoluísse, se tornasse mais criativo, trouxesse à tona charge que faz as pessoas se sentirem felizes, valorizadas, amadas, charges que incitem o respeito, a tolerância, a paz.

Vale lembrar que a Igreja Católica da França, várias vezes, processou Charlie por se sentir desrespeitada por sua sátira. Os extremistas, por sua vez, arranjaram outra forma de denunciar a ofensa. Como diz Piber, “ninguém é obrigado a ser ofendido calado”.

Ao dizer que não sou Charlie, quero dizer que me causa espanto uma mídia seletiva que consegue sensibilizar o mundo todo com o sofrimento de um grupo de cartunistas franceses, de classe média, mas não conseguem ajudar a sociedade, os governos a lutar pela cura do Ebola que tira a vida de milhares de africanos, que não consegue sensibilizar e fazer o mundo se voltar para os haitianos que não conseguiram reconstruir nem o país nem as pessoas desde 2010, uma mídia que não consegue, com o seu poder de formar opinião, movimentar o mundo para que acabem as guerras no Oriente Médio que dizima as famílias aos milhares e milhões deixando tantas crianças mortas e milhares de outras desestruturadas psicologicamente.

Voltemos os nossos olhares para o Brasil: que lugar ocupam as populações ribeirinhas, as pescadoras artesanais, os sem teto, os doentes, as mulheres, as crianças sem escola, os migrantes, os pobres do nosso país? A mídia não favorece à sociedade brasileira pensar na juventude, que é assassinada e excluída, na população indígena que sofre e morre na defesa da natureza e do seu habitat, numa televisão totalmente branca em um país onde 70% da população é afrodescendente. Onde estão os jornalistas negros? Onde estão os artistas negros? Por estas situações a mídia não gera choro e nem indignação coletiva e nem leva a população às praças. Ao dizer que não sou Charlie quero dizer: Eu não sou Jornal Nacional, eu não sou Veja, eu não sou Folha de São Paulo, eu não sou Record, eu não sou Band, Je ne suis pas Rede Globo. Essa mídia não me representa.

UM MUNDO CARENTE DA ÉTICA DA ALTERIDADE

Nascido em família judaica, o filósofo Emmanuel Lévinas viveu os horrores do

campo de concentração e ali desenvolveu a teoria da alteridade.

Me parece especial esta expressão do filósofo ao tratar do respeito ético pelo “outro-aí-comigo”: “O rosto é significação, e significação sem contexto. Quero dizer que outrem, na retidão do seu rosto, não é uma personagem num contexto. (...) Ele é o que não se pode transformar num conteúdo, que o nosso pensamento abarcaria; é o incontível, leva-nos além. Eis por que o significado do rosto o leva a sair do ser enquanto correlativo de um saber”. Abre-se, em definitivo, a dimensão metafísica do rosto: o rosto é o que não pode ser conhecido, o que não pode ser contido, mas o que, ainda assim, significa”. (Cf. E. LÉVINAS, Totalidade e Infinito, p. 176). Isto quer dizer, o outro é diferença e mistério que exige de mim uma reverência e uma capacidade de constante busca de conhecimento deste mistério que se me revela de diferentes maneiras e gera um encanto pela beleza escondida que a minha abertura deixa revelar.

Para Lévinas no rosto do outro contém um imperativo categórico que a cada instante me provoca: “Não matar”. Ao não aceitar a diferença, pelo simples fato de sê-lo e não respeitá-la já estou matando-a, assassinando-a. Se trazemos esse pensamento de Lévinas para as relações humanas atuais encontraremos uma relação capenga, submersa na intolerância com o outro, perceptível a cada momento que deixo de empregar uma pessoa porque não condiz com o padrão de beleza imposto, porque porta alguma deficiência, por causa da sua cor, quando excluimos do nosso convívio o negro, o favelado, tirando-lhes oportunidades, quando fazemos piadas com a loira, com o padre, com o homoafetivo/a, com o judeu, com o muçulmano... Imaginem quantos assassinatos cometemos, sem sermos punidos. Punidos são os humilhados e ofendidos porque não tem voz nem vez.

PECADO DE OMISSÃO

Foi um verdadeiro horror, lamento pelos meus colegas na profissão, que morreram de forma tão brutal. Porém, a justiça francesa poderia ter evitado esse massacre desde os primeiros processos abertos contra o Charlie. Que a França reconheça isso e leve a sério o respeito às diferenças para evitar que sangue e mais sangue seja derramado por pecado de omissão. Com uma caneta, não se mata da forma física como estamos acostumados a assistir em nossos tempos, mas uma caneta tem grande poder de matar e de incitar o ódio e a violência. Por fim, concluo dizendo que JE NE SUIS PAS CHARLIE e faço um apelo aos meus colegas do jornalismo: sejamos éticos no nosso fazer, incentive-mos a paz com a nossa liberdade de expressão, pois não somos sozinhos no mundo e a liberdade tem limite sim. J'ai fini.



“

Foi um verdadeiro horror, lamento pelos meus colegas de profissão, que morreram de forma tão brutal. Porém, a justiça francesa poderia ter evitado esse massacre desde os primeiros processos abertos contra Charlie. Que a França reconheça isso e leve a sério o respeito às diferenças para evitar que sangue e mais sangue seja derramado pelo pecado da omissão.



FOTOS: CHARLES ZIMMERMANN

A MOBILIZAÇÃO INDÍGENA E O GOVERNO POPULAR NA BOLÍVIA

O país de Evo Morales, um indígena como a maioria de seu país. Ele assumiu o terceiro mandato com vários desafios pela frente. Morales foi reeleito para um mandato de cinco anos, com 61% dos votos válidos.

POR ANTONIO CARLOS WOLKMER E

DÉBORA FERRAZZO

Professor titular no curso de Pós-Graduação da UFSC, doutor em direito, professor visitante de diversas universidades na América Latina e Europa, e autor de inúmeros livros sobre pluralismo jurídico, pensamento crítico, direitos humanos e constitucionalismo latino-americano. Mais informações sobre sua produção do autor podem ser verificadas em seu blog: <<http://www.antoniocarloswolkmer.blogspot.com.br/>>.

Egressa da FURB, do curso de direito e orientanda de Antonio Carlos Wolkmer no mestrado em Direito na UFSC, onde também pesquisa o novo constitucionalismo latino-americano.

Entre os anos de 2000 e 2005, desencadeou-se na Bolívia uma série de revoluções populares, de mobilização predominantemente indígena, que conduziram à presidência nacional Evo Morales, um indígena, tal como a notável maioria de seu país, que nunca havia confiado a um dos seus a sua direção política. Estes mesmos movimentos, poucos anos antes, foram capazes de expulsar a transnacional que havia privatizado a água, impondo severas privações à população pela exploração econômica exacerbada deste serviço vital. E no mesmo período, também reverteu a onda privatizadora que intentava entregar

os recursos naturais do país – o gás, uma de suas maiores riquezas, à exploração estrangeira. Foram vitórias significativas que, todavia, custaram muitas vidas de bolivianos e bolivianas.

E assim uma pauta antiga das comunidades indígenas voltou ao debate político com muito mais força: a necessidade de uma nova ordem político-jurídica, que consolidasse as recentes vitórias do povo boliviano, tornando-as elementos de sua cotidianidade; a convocação de uma assembleia constituinte, genuinamente democrática e participativa, que desenhasse uma nova Carta Política, onde a diversidade dos povos e nações indígenas que compõe o país fosse respeitada e não



mais subalternizada, tal como vinha ocorrendo desde a colonização espanhola. Esta convocação, ante a qual outros presidentes haviam se comprometido, mas não cumprido, fazendo o povo boliviano perceber que precisaria conquistar o poder para modificar as estruturas estatais. Evo Morales foi o instrumento desta luta política.

Após sua eleição, apesar das inúmeras controvérsias e polêmicas que vêm dividindo as percepções sobre seu governo, uma certeza está clara: a Bolívia já não é mais a mesma. A Bolívia hoje é um Estado de pluralismos. Um Estado Plurinacional, com pluralismo democrático (a democracia comunitária, novidade criada pelas reivindicações populares bolivianas, abre espaço para uma infinidade de práticas democráticas localizadas e derivadas da cotidianidade de cada comunidade originária, expressão legítima de suas culturas), com pluralismo cultural, pluralismo jurídico, pluralismo econômico (visto que à economia comunitária, aplicam-se as mesmas características da democracia comunitária), entre outros.

Nesta onda de mudanças, um destaque importante é devido ao pluralismo jurídico, uma transformação profunda que rompe com o monopólio jurídico estatal, para mais do que tirar o poder das mãos das elites nacionais e estrangeiras, deslocar o poder do Estado, para devolver ao povo. Este tipo de transformação concretiza nos tempos atuais a ideia de um pluralismo jurídico comunitário participativo, uma tese pensada no início dos anos 1990, no doutoramento de Antonio Carlos Wolkmer, um dos subscritores deste ensaio, e que segue sendo estudada em todo o mundo, com atualizada e acentuada relevância pelas práticas emancipatórias latino-americanas. Este tipo de pluralismo que é também o que vem se desenvolvendo na Bolívia, traz elementos de resistência e ruptura com a racionalidade liberal capitalista, profundamente excludente desde sua essência. Elementos como o protagonismo dos sujeitos coletivos, a partir de suas necessidades fundamentais e em busca da radical democratização do poder. Num movimento baseado na ética concreta da alteridade, ou seja, na genuína responsabilização pelo outro e orientado por uma racionalidade emancipatória que se fortalece na caminhada do povo.

Todos estes processos inovadores que perpassam o campo jurídico irradiando-se por toda a realidade do país, são a cristalização da luta popular, protagonizada pelos movimentos indígenas bolivianos, que buscam a construção de um Estado onde todos e todas possam viver e desenvolver-se em todas as dimensões humanas com igualdade de condições. Uma tarefa difícil num país onde historicamente elites dominaram, ainda que a força explícita fosse necessária (a Bolívia é o país latino-americano que mais sofreu golpes de Estado, com cerca de

cento e cinquenta tomadas ilegais de poder). E uma tarefa difícil porque os povos

historicamente negados e oprimidos aspiravam sua emancipação sem reivindicar em suas pautas a separação do estatal, ou seja, um Estado unitário, mas de plurinacionalidades e de pluralismos. Um Estado, portanto, refundado, descolonizado.

Uma das grandes dificuldades em consolidar este projeto, veio da resistência das elites internas, concentradas na chamada “Meia Lua” boliviana, composta pelos departamentos de Santa Cruz, Pando, Beni e Tarija, onde as maiores riquezas do país estão localizadas. Temerosas, pelo fim iminente de seus privilégios, orquestraram diversas tentativas de ataque ao governo popular que se instaurava no país, as quais foram, uma a uma, frustradas diante da incessante organização popular. Em outubro de 2014, quando ocorreram as eleições presidenciais, as transformações que vêm sendo deflagradas no país já se faziam sentir por toda a sua extensão e assim, o presidente indígena foi reeleito com cerca de sessenta por cento dos votos. Conquistou maioria inclusive na crítica região da “Meia Lua”, o que levou Evo Morales a se pronunciar afirmando que “na Bolívia não há mais uma meia lua, mas sim, uma lua cheia”.

De fato, no fim do ano passado, o diretor do periódico *Le Monde Diplomatique*, Ignacio Ramonet, publicou ensaio (no site www.rebellion.org) sobre as mudanças no país, sobre seu crescimento econômico, sobre a impressionante melhoria na educação, saúde, redução vertiginosa da pobreza, avanços tecnológicos e econômicos. Tais mudanças vieram pela força dos indígenas. Cerca de três ou quatro décadas atrás, Darci Ribeiro afirmava que cedo ou tarde, países como a Bolívia e o Equador, com suas imensas massas indígenas, seriam palco de profundas convulsões sociais étnicas, que redefiniriam seus quadros nacionais.

As transformações que vêm se desencadeando na América Latina são tão profundas que é possível que estejamos diante da maior revolução de nossos tempos, transformações que confrontam e superam dilemas e opressões globais multisseculares, como o capitalismo e o racismo. Esta realidade leva – e obriga, mesmo os brasileiros mais conservadores e deslumbrados com as metrópoles euro-norte-americanas – a perceber que é com os irmãos latino-americanos que mais temos a aprender.

“

Uma pauta antiga das comunidades indígenas voltou ao debate político com muito mais força: a necessidade de uma nova ordem político-jurídica, que consolidasse as recentes vitórias do povo boliviano, tornando-as elementos de sua cotidianidade; a convocação de uma assembleia constituinte, genuinamente democrática e participativa.



CURTAS

GRUPO PHOENIX PRESENTE EM CURITIBA

Dias 5 e 6 de fevereiro o grupo Teatral Phoenix da FURB apresenta o espetáculo *Sonho de uma Noite de Verão* para os todos os professores da rede municipal no teatro da Uniasselvi. Serão ao todo quatro apresentações. O mesmo espetáculo - cujo texto foi escrito por William Shakespeare, com adaptação e direção da coordenadora do Grupo, professora Pita Belli - vai pra Curitiba em março, quando participa da Mostra Universitária do Festival de Curitiba, como convidado. Será a primeira vez que o festival terá essa mostra. A montagem conta com direção de Pita Belli, que também dirige o Phoenix, é docente do curso de Teatro da FURB e também coordenadora do Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau. A montagem tem inspiração na estética hippie e na música dos Beatles.

CINEMA ALEMÃO

As Sombras que Assombram: o Expressionismo do Cinema Alemão abre fim do mês em Blumenau. Promoção do Sesc em parceria com a Fundação Cultural de Blumenau, a programação contempla ao todo nove filmes. As sessões nos dias de semana começam sempre às 19h30min. Sábado e domingo serão duas projeções: às 18h e às 20h, sempre no Cine Teatro Edith Gagnetner, na Fundação Cultural. A programação contará com bate papo nas sessões de final de semana.

Confira a programação:

23/02: O gabinete do Dr. Caligari

24/02: As mãos de Orlac

25/02: O golem

26/02: O gabinete das figuras de cera

cera

27/02: O homem que ri

28/02 (2 sessões): Fausto e Nosferatu

1/03 (2 sessões): A última gargalhada e Metropolis

ESTADO LANÇA EDITAL ELISABETE ANDERLE DE ESTÍMULO À CULTURA

O Estado anunciou o lançamento oficial do Edital Elisabete Anderle de Apoio às Artes e à Cultura referente edição 2014. O prêmio distribuirá R\$ 7 milhões e o período de inscrições vai até o dia 11 de fevereiro de 2015. Esta edição beneficiará também outros segmentos que antes não eram atendidos. São eles: Prêmio Catarinense de Arte e Cultura Negra e Indígena; Prêmio Catarinense de Museus; Prêmio Catarinense de Apoio a Eventos Artísticos e Culturais; e Prêmio Catarinense de Bolsas de Trabalho, Intercâmbio e Residências.



MAFALDA EM BLUMENAU

A personagem Mafalda criada pelo cartunista argentino Quino habitará a partir deste mês a Biblioteca Municipal Dr. Fritz Muller. Uma exposição entre os dias 26 de janeiro e 31 de março apresentará aos visitantes da biblioteca um pouco da biografia do cartunista, de como ele criou a personagem Mafalda e as tirinhas desta garota preocupada com a humanidade.

A exposição foi idealizada inicialmente para o período de uma semana, mas a grande aceitação do público nas redes sociais resultou na prorrogação da mostra até o final de março. De acordo com os organizadores, foi pensando em proporcionar um acesso maior das pessoas ao universo da Mafalda, que é uma garotinha cheia de sonhos e questionamentos e todo este universo, que esta exposição chega à cidade de maneira divertida e bem humorada.

A personagem dos quadrinhos vai invadir os espaços de leitura, para além do bom humor e da inteligência dessa garota, ampliar as possibilidades de leitura de mundo dos visitantes e usuários da biblioteca. Na exposição haverá uma breve biografia do autor, algumas curiosidades sobre a Mafalda e seus questionamentos sobre o mundo e os problemas sociais que de certa maneira são atemporais. A personagem dos quadrinhos completa 50 anos e se mantém atual até os dias de hoje.

Exposição: Mafalda na biblioteca: questionar é preciso

Quando: de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h. A partir de 7 de março, também aos sábados das 8h às 12h - Entrada franca

MOSTRA ITINERANTE LEVA ARTE PARA CRIANÇAS EM BLUMENAU

Em 2015 o Sesc Blumenau circulará por escolas parceiras com a Exposição "Imaginário" de Bruno Bachmann, a exposição que participou da Programação Local em Artes Visuais do Sesc no ano passado durante o mês de outubro fazendo sucesso com as crianças agora poderá estar perto também do ambiente escolar, junto com a itinerância é proposta uma conversa e uma oficina com artista.

Na Exposição-Imaginário", Bruno Bachmann apresenta desenhos e objetos de seu acervo, buscando aproximar o olhar infantil da arte contemporânea de forma inovadora: as obras instaladas na linha do olhar da criança e espalhadas pelo espaço possibilitam uma viagem lúdica pelo seu imaginário. Bruno Bachmann trabalha fazendo uso de cores e traçados fortes. Busca alcançar uma certa harmonia nas cores que usa mesmo quando o que está desenhado é o caos. Tem inspiração na literatura, cinema, desenhos animados e música. Cria personagens que vão se modificando e aparecendo aos poucos, e podem ser vistos em mais de uma obra, criando assim uma narrativa que faz uma conversa aparentemente desconexa.





LADO B

O PARADOXO DO DIFERENTE

O que mais surpreende aqueles que começam a estudar o mundo social é a diversidade de sociedades humanas existentes. E o truísmo que pessoas diferentes costumam fazer coisas espantosamente diferentes! Assim, a questão que nos interessa é como lidar com essa diversidade, ou melhor, como lidar com as consequências dessa enorme variedade. Ao longo do tempo desenvolvemos muitas tecnologias sociais para nos mantermos unidos como, por exemplo, mitos, religiões, ideologias, ciências... O paradoxo é que a diversidade de ordens sociais não é tolerada em todas as ordens sociais.

Foram esses ensinamentos que lembrei quando fiquei sabendo da série de atentados terroristas em Paris de janeiro de 2015. Portanto, a comoção que tomou conta dos meios de comunicação e das redes sociais durante esse período esconde a existência de questões complexas. Por um lado, o sentimento de solidariedade com as pessoas que morrem por serem diferentes naquilo que acreditam e dizem; por outro, as implicações morais e ideológicas relacionadas à solidariedade fácil do #JeSuisCharlie. É que atrás da comoção situa-se a questão da liberdade de expressão e da democracia.

O Charlie Hebdo é um jornal satírico semanal francês. Surgiu do ativismo estudantil anticonformista que caracterizou a década de sessenta. Se notabilizou internacionalmente pelo tratamento cínico e até mesmo licencioso das questões política, cultural e religiosa, traduzido na fórmula um “journal bête et méchant”. Sempre deu muito espaço para charges satíricas das subjetividades coletivas. Nos últimos anos chamou atenção pela realização de diversas “caricaturas fálicas” do Profeta Maomé. Nunca foi um jornal muito popular, expressando um ponto de vista minoritário e sempre dividindo as opiniões.

Por isso muitos viram no movimento de solidariedade #JeSuisCharlie a inexistência de hierarquia na liberdade de expressão. Alguns citaram a famosa frase não dita por Voltaire: “Não concordo com o que você diz, mas defenderei até a morte seu direito de dizê-lo.” Outros lembraram do famoso artigo de Noam Chomsky His Right to Say no jornal The Nation em 1981, no que ficou conhecido como “affaire Faurisson”. É até que existe um Index on Censorship... Ou seja, numa sociedade aberta ninguém tem o direito de não ser ofendido ou de censurar um discurso contrário às nossas convicções morais.

Porém, a liberdade de expressão é sempre uma questão de ordem prática. Por exemplo, quando o rapper francês Nekfeu canta no filme La Marche: “Exijo uma fogueira para estes cães Charlie Hebdo”, contra as caricaturas de Maomé provocou uma forte reação em 2013; ou, mais recentemente, quando Dieudonné

M'bala M'bala posta no Facebook: “Depois desta marcha histórica... Saiba que, esta noite, para mim, sinto-me Charlie Coulibaly”, para testar a liberdade de expressão na França foi acusado de “apologia ao terrorismo”. Talvez o melhor seja se perguntar que ideias podem ser expressas.

Trata-se aqui de saber, portanto, aonde um Charlie Hebdo poderia existir. Pensei, claro, no Brasil, e nos eventuais processos de danos morais impetrados contra as sátiras. E que no Uruguai e na Argentina, talvez tolerassem, dependendo do governo. Nos EUA, Canadá, Reino Unido, França e Alemanha, os países nórdicos, agora certamente. Em Israel, o Magreb, os países árabes, não seria possível. Como também não seria possível em Cuba, na Rússia, ou ainda na China... De fato, podemos zombar de tudo e todos? A tensão entre o permitido e o proibido exprime uma ordem social.

Numa definição minimalista a democracia compreende a condição de poder divergir sem ser morto. Nesse contexto, a liberdade de expressão de ideias e opiniões é considerada um direito fundamental. Representa um requisito básico das sociedades democráticas, e está presente na Constituição dos Estados Unidos e da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Constitui, portanto, um direito de primeira geração e é frequentemente enquadrado legalmente pelo Estado. Portanto, constitui um direito negativo que impede o Estado de coibir ou controlar qualquer manifestação de ideias ou opiniões.

Aqui o Estado é central na e para a liberdade de expressão. Nesse sentido, destacam-se duas concepções: a) vê o Estado como grande adversário desse direito na medida em que coíbe as ideias que são contrárias aos dominantes; b) vê o Estado como a garantia das condições de pluralidade do debate público. Portanto, a liberdade de expressão constitui, ao mesmo tempo, um direito subjetivo individual e um instrumento para formação da opinião pública. Mais precisamente, o direito dos cidadãos de expressarem seus pontos de vista, mas também a condição de existência dos meios de comunicação.

No Brasil esta é uma questão sulfurosa. Apesar dos grandes avanços observados com o processo de democratização na dimensão individual da liberdade de expressão, não existem ainda garantias a universalidade ao acesso a informação devido à concentração dos meios e comunicação como jornais, revistas, rádio, televisão e internet. Por isso não devemos equivaler a liberdade de expressão com a liberdade de imprensa. Afinal, muitas vezes, na prática a garantia de um direito pode significar a restrição de outro. Dito de outra forma, a liberdade de pensamento é controlada pelos meios de divulgação.

Mas na universidade a questão da liberdade de expressão constitui uma condição

fundamental da produção, transmissão e extensão do conhecimento. Está associada, portanto, à questão da autonomia universitária. Por um lado, não há como negar os enormes avanços obtidos no campo da liberdade de expressão após o processo de redemocratização e a promulgação da Constituição de 88; por outro, verifica-se um conjunto de regras burocráticas que visam controlar o protocolo discursivo. Nesse sentido, um professor tem o direito de satirizar um grupo social em sala de aula?

Por isso, a liberdade de expressão é sempre relacional. Somente comparativamente podemos saber se temos liberdade para expressar nossas ideias. Sempre estabelecemos uma analogia da liberdade de expressão no tempo (como era antes) e no espaço (como é a dos outros). E por meio desses mecanismos criamos hierarquias entre territórios com maior liberdade de expressão e territórios com menor liberdade de expressão. Isto significa que a liberdade de expressão é sempre condicional. Ou seja, pressupõe uma ordem social que estabelece o que pode ser expresso, quando e onde.

O conhecimento acumulado pelas ciências sociais ao longo das últimas décadas indica que nunca sabemos exatamente o que está acontecendo no mundo social. Isto significa que nunca poderemos ter certeza sobre a validade, veracidade e verdade de nossas crenças, expectativas e conhecimento sobre o mundo. Por isso, as avaliações, interpretações e práticas são temporalmente indexadas e podem gerar consequências indesejadas.

“

O conhecimento acumulado pelas ciências sociais ao longo das últimas décadas indica que nunca sabemos exatamente o que está acontecendo no mundo social. Isto significa que nunca poderemos ter certeza sobre a validade, veracidade e verdade de nossas crenças, expectativas e conhecimento sobre o mundo. Por isso, as avaliações, interpretações e práticas são temporalmente indexadas e podem gerar consequências indesejadas



INSPIRAÇÃO

CONHEÇA OS NOVOS LANÇAMENTOS DA EDIFURB/2015

Duas das mais recentes publicações da Editora da FURB, ou somente Edifurb, são: Para além do esporte: uma história do skate, do autor Leonardo Brandão e Grandes epopeias da antiguidade e do medievo, de organização de Dominique Santos. É a primeira edição de ambas as obras e tanto o autor Leonardo Brandão quanto o organizador Dominique Santos são professores doutores aqui na própria instituição lecionando ambos no curso de história. Mesmo

então ainda não tendo sido lançadas tais obras, mas já estando disponíveis para compra, os dois livros tem tido bastante procura. Muitos alunos do curso de história da FURB tem os comprado, da mesma forma como pessoas de outras cidades e regiões do país, muitos, provavelmente interessados pela temática dos livros, que realmente chama bastante a atenção. Sendo assim pode-se dizer que os livros tem feito bastante sucesso e vendido bem. Em todo caso,

o lançamento dos livros, ou como alguns preferem chamar, noite de autógrafos, deve ocorrer ainda esse semestre, provavelmente nas dependências aqui da própria universidade. Vale ressaltar uma vez mais que as obras já se encontram a venda tanto pelo site da Editora da FURB quanto na Livraria da FURB, e em breve também por meio do site de nossos parceiros, como a Saraiva, a Livraria Cultura, a Livraria da Travessa entre outros.

SOBRE A SINOPSE DAS OBRAS

Grandes epopeias da antiguidade e do medievo
Autor: Dominique Santos (Org.)

Fruto de um esforço coletivo que envolveu uma série de pesquisadores de diferentes países, como Brasil, Portugal e Estados Unidos, este livro apresenta algumas reflexões sobre o interessante e fecundo campo de estudos das tradições épicas. Como são feitas, por exemplo, a seleção e a escolha de manuscritos, as edições e os processos de tradução, a crítica e a recepção destes documentos? Qual contexto histórico os envolve? De que maneira eles têm sido abordados na literatura, no cinema e na historiografia? Estas são algumas das inquietações que o leitor encontrará em cada capítulo. Desta forma, Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo é, ao mesmo tempo, tanto uma opção de leitura introdutória aos estudos dos épicos para cursos de graduação em História, Letras (modernas e clássicas), Cinema, Literatura, Filosofia e áreas afins, quanto um auxílio ao leitor já experiente e acostumado ao tema, que também encontrará material para sua pesquisa, desde algumas críticas e possibilidades interpretativas até reflexões sobre a temática das fronteiras, das identidades, dos nacionalismos e outros topoi que se entrecruzam com o campo das epopeias.

R\$ 39,90 Preço sugerido

Para além do esporte: uma história do skate no Brasil
Autor: Leonardo Brandão

Resultado de minuciosa pesquisa realizada originalmente como tese de doutorado, neste precioso e sucinto livro cujo título já é elucidativo de sua empreitada, o historiador Leonardo Brandão nos brinda com uma escrita elegante, delicada e densa que, ao narrar o traço sinuoso de uma manobra, o delicado roçar do vento no rosto do skatista, ou, a sutil e frágil composição entre seu corpo e a prancha (shape), esboça uma possível história das emoções, dos sentimentos e sensibilidades. Nas páginas deste livro não há apenas uma história das formas de organização do skate, muitas vezes tomada pelo gesto fácil, imediato e seguro, sem dúvida, de classificá-lo como esporte. Também não há em suas páginas o desejo de alargar, de maneira infinita, a definição de esporte para que nela tudo caiba. Tomando ampla e pertinente literatura que cobre cada aspecto do tema central que o título tão bem revela, nada parece escapar a uma narrativa atenta e inquieta, onde a argumentação contundente, convincente, permite ao leitor compreender a proximidade e mesmo a constituição do skate com o surf, o punk, o punk-rock e, sem dúvida, a juventude, entre tantos outros que se vão tecendo nessa trama de sentidos e sentimentos para, afinal, contar uma história do skate no Brasil.

R\$ 32,00 Preço sugerido

